

TRANSTORNO DA PERSONALIDADE HISTRIÔNICA E SUA POSSÍVEL MANIFESTAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Marco Aurélio Bernardo¹

Sara Gomes Barreto²

Resumo

Atualmente ser famoso tem se tornado a meta de uma parcela significativa da população e, para atingir esse objetivo de forma instantânea, esforços não são medidos: faz-se praticamente tudo. O advento da internet e das redes sociais tornou-se recurso para muitos indivíduos compartilharem suas particularidades, das mais triviais às mais íntimas, criando assim a necessidade de se expor em alguma plataforma digital, hábito que foi adotado por milhões de pessoas de todas as etnias, idades e orientação sexual. A internet e as redes sociais potencializaram esses comportamentos de superexposição ao extremo. Observou-se que a situação de superexposição nas redes sociais assemelha-se bastante às principais características associadas ao Transtorno da Personalidade Histriônica, que são: desconforto em situações em que não é o centro das atenções / interação social frequentemente caracterizada por comportamento sexualmente sedutor, inadequado ou provocativo / exhibe mudanças rápidas e expressão superficial das emoções / uso reiterado da aparência física para atrair a atenção para si / estilo de discurso excessivamente impressionista e carente de detalhe / autodramatização, teatralidade e expressão exagerada das emoções / sugestionabilidade (facilmente influenciado pelos outros ou pelas circunstâncias) / consideração das relações pessoais mais íntimas do que na realidade são. Este trabalho tem o objetivo de analisar o Transtorno da Personalidade Histriônica e sua possível manifestação nas Redes Sociais.

Palavras-Chave: Redes Sociais; Superexposição; Histriônico.

¹BERNARDO, Marco Aurélio. Graduando em Psicologia na UNIVERSO/Juiz de Fora, MG, 2017.
²BARRETO, Sara Gomes. Mestra pela Pós-Graduação em Linguística da UFJF. Docente do curso de Psicologia da UNIVERSO/Juiz de Fora, MG, 2017.

1 Introdução

Não é incomum decorarmos nossas casas com fotos de nossos familiares, das viagens que fizemos ou dos momentos felizes e importantes que vivenciamos: trata-se, na maioria das vezes, da maneira que encontramos de registrar e eternizar lembranças de pessoas e de instantes importantes. Porém, quando inundamos as redes sociais, expondo a nossa intimidade, quando rompemos a fronteira entre o público e o privado, faz-se necessária a reflexão acerca da aceitabilidade dessa exposição e do limiar tênue a partir do qual ela se torna um problema. Não podemos subestimar o poder da internet juntamente com as redes sociais: é certo que podemos até ter algum controle sobre essas imagens enquanto somente nós temos acesso a elas, no entanto, a partir do momento que essas imagens “caem nas redes”, tornam-se propriedade de domínio público, de modo que, depois que tais imagens são postadas na internet, é praticamente impossível controlar e impedir que danos aconteçam.

De acordo com Guy Debord (1973), em *A Sociedade do Espetáculo*, a sociedade foi submetida a algumas mudanças durante o tempo e a história, dentre elas três fases se destacam: a do ser, a do ter e a do parecer. Ainda de acordo com Debord, a fase do “ser” se implantou na Idade Média, quando os nobres eram considerados superiores pelo que eram, ou seja, para ser importante e superior era preciso ser de origem nobre. Esse critério era utilizado para distinguir a nobreza da plebe; quem era importante de quem não era nada. Após a fase do “ser”, veio a fase do “ter”, por meados do século XIX, após a Revolução Industrial. Devido ao modelo econômico da época, já não importava quem o indivíduo era, mas o que o indivíduo tinha. Sendo assim os donos dos meios de produção eram as pessoas mais importantes da época, por terem o capital, o que os diferenciava dos trabalhadores, que não tinha bem algum, apenas sua força de trabalho. Por fim, atualmente, vivemos a fase do parecer: hoje já não importa quem se é ou o que se tem. O importante é parecer ter ou ser. A imagem é o próprio espetáculo e o espetáculo vive de aparência; pois nunca vai apresentar algo negativo, algo que não venda.

A imagem ainda é até hoje a forma de comunicação mais direta e mais eficaz, ela cria modelos, aliena as massas, mente e promove frustrações. Difunde-se a ideologia mercantil pela imagem, pois o objetivo continua sendo o mesmo: vender. Modelos de vida ou

produtos, comportamentos ou mercadorias, vender é a única coisa que importa. (Brient, 2009).

Conforme Octaviano (2010), a imagem ganhou mais força e notoriedade com o advento da internet e a proliferação das redes sociais. As plataformas digitais tornaram-se palco onde a imagem é cultuada e superexposta ao extremo. E, para aparecer e ser o centro das atenções, alguns usuários do ciberespaço podem fazer praticamente tudo, ignorando inclusive os riscos inerentes à superexposição nas redes. Observou-se que a situação de superexposição nas redes sociais assemelha-se bastante às características associadas ao Transtorno da Personalidade Histriônica (TPH), o qual tem como característica principal a emocionalidade excessiva e difusa, além de busca de atenção, como também desconforto em situações em que o indivíduo não é o centro das atenções; uso reiterado da aparência física para atrair a atenção para si; utilização de estilo de discurso excessivamente impressionista e carente de detalhe; autodramatização, teatralidade e expressão exagerada das emoções; sugestionabilidade; indivíduo facilmente influenciado pelos outros ou pelas circunstâncias, além de, em geral, indivíduo tendencioso a considera as relações pessoais mais íntimas do que realmente são. Porém, para que o indivíduo seja diagnosticado com TPH, deve apresentar cinco ou mais destas características que compreendem o Transtorno da Personalidade Histriônica e apresentar sofrimento clinicamente significativo, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-5.

2 Objetivo

Verificar e analisar quais são as possíveis manifestações nas redes sociais de comportamentos semelhantes e/ou idênticos aos do Transtorno da Personalidade Histriônica TPH segundo o DSM-5.

3 Metodologia

O presente artigo utilizou uma Revisão Narrativa, que consiste basicamente na análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressa e/ou eletrônicos na interpretação e análise crítica pessoal do autor.

Transtorno da Personalidade

Segundo Dalgarrondo (2008), o transtorno da personalidade, durante os últimos dois séculos, foi nomeado de diversas formas: insanidade moral, monomania moral,

transtorno ou neurose de caráter, etc. Porém, o termo mais popular entre os profissionais de saúde mental foi psicopatia. Infelizmente essa denominação foi utilizada de forma muito imprecisa, às vezes se identificando psicopatia com personalidade sociopática, por vezes com transtornos da personalidade em geral. No entanto, em 1974 surge um termo mais oportuno, personalidades psicopáticas, em que o indivíduo que padece do transtorno da personalidade apresenta as seguintes características básicas: sofre e faz sofrer a sociedade, não aprende com a experiência. Isso implica que, no transtorno da personalidade, existe uma desarmonia marcante que reflete tanto na esfera intrapsíquica, quanto nas esferas interpessoais. Geralmente os transtornos da personalidade produzem consequências muito penosas para o indivíduo, familiares e conhecidos, dificilmente os indivíduos se modificam por meio das experiências de vida: tendem, antes, a permanecerem estáveis ao longo de toda a vida.

Os transtornos da personalidade estão reunidos em três grupos, com base em semelhanças descritas. O Grupo A inclui os transtornos da personalidade paranoide, esquizoide e esquizotípica. Indivíduos com esses transtornos frequentemente parecem esquisitos ou excêntricos. O Grupo B inclui os transtornos da personalidade antissocial, borderline, histriônica e narcisista. Indivíduos com esses transtornos costumam parecer dramáticos, emotivos ou erráticos. O Grupo C inclui os transtornos da personalidade evitativa, dependente e obsessivo-compulsiva. Indivíduos com esses transtornos com frequência parecem ansiosos ou medrosos. (DSM-5 p.646)

De acordo com o DSM-5 (2015), vale ressaltar que esse sistema de agrupamento, de certa forma útil para algumas pesquisas, apresenta sérias limitações e não foi validado consistentemente. Além do mais, é muito frequente pessoas apresentarem transtornos da personalidade de grupos diferentes concomitantemente. Estimativas de prevalência para os diferentes grupos sugerem 5,7% para os transtornos do Grupo A; 1,5% para os do Grupo B e 6% para os do Grupo C, com 9,1% para qualquer transtorno da personalidade, indicando concomitância frequente de transtornos de grupos diferentes (DSM-5 p.645)

O Transtorno da Personalidade Histriônica

Conforme o DSM-5 (2015), o Transtorno da Personalidade Histriônica possui uma característica essencial: a emocionalidade excessiva e difusa, além do

comportamento de busca de atenção. Esse padrão surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos. Para que o indivíduo seja diagnosticado com o transtorno, deve apresentar cinco ou mais dos critérios seguintes: Desconforto em situações em que não é o centro das atenções / Interação social frequentemente caracterizada por comportamento sexualmente sedutor, inadequado ou provocativo / Exibe mudanças rápidas e expressão superficial das emoções / Uso reiterado da aparência física para atrair a atenção para si / Estilo de discurso excessivamente impressionista e carente de detalhe / Autodramatização, teatralidade e expressão exagerada das emoções / Sugestionabilidade (i.e. facilmente influenciado pelos outros ou pelas circunstâncias) / Consideração das relações pessoais mais íntimas do que na realidade são.

Características Associadas que Apoiam o Diagnóstico

De acordo com o DSM-5 (2015), indivíduos com o Transtorno da Personalidade Histriônica podem ter dificuldades em alcançar intimidade emocional em relacionamentos românticos ou sexuais. Costumam desempenhar papéis (p.ex “vítima” ou “princesa”), em suas relações com os outros. Podem buscar o controle do parceiro por meio de manipulação emocional ou sedução em um nível, ao mesmo tempo mostrar dependência acentuada em relação a eles em outro nível. Indivíduos com esse transtorno geralmente experimentam relacionamentos difíceis com amigos do mesmo sexo, pois seu estilo interpessoal sexualmente provocativo pode soar como ameaça aos relacionamentos destes. Podem afastar os amigos por exigirem constantemente atenção. Podem buscar obstinadamente novidades, estímulos e excitação e tendem a se entediar com rotina. Sentem-se frustrados em situação que envolve atraso de gratificação, sendo suas ações voltadas à obtenção de satisfação imediata. Embora iniciem um trabalho com muito entusiasmo, seu interesse pode se dissipar rapidamente. Os relacionamentos de longa data podem ser negligenciados para dar espaço à excitação de novos relacionamentos. O risco real de suicídio não é conhecido, porém a experiência clínica sugere que esses indivíduos estão sob o risco aumentado de gestos e ameaças suicidas, com o intuito de chamar a atenção e de coagir os demais a lhes oferecerem melhores cuidados.

Prevalência

Dados do National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions de 2001-2002, sugerem uma prevalência de personalidade histriônica de 1,84%.

Questões Diagnósticas Relativas à Cultura

Normas de comportamento interpessoal, aparência pessoal e expressão emocional variam entre as culturas, gêneros e faixa etária. Antes de considerar os vários traços como evidência de transtorno da personalidade histriônica, é fundamental avaliar se causa prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo.

Questões Diagnósticas relativas ao Gênero

Clinicamente, esse transtorno foi diagnosticado com mais frequência no sexo feminino; contudo a proporção entre os sexos não é significativamente diferente da proporção sexual feminina encontrada no contexto clínico respectivo. Entretanto, alguns estudos usando avaliações estruturadas informam taxas de prevalência similares em ambos os sexos.

Clinicamente, o TPH é mais frequentemente diagnosticado em mulheres, e quando é diagnosticado em homens está associado à homossexualidade. Esse diferencial de gênero, todavia, pode ser mais um produto das nossas expectativas sociais do que uma verdadeira diferença de ocorrência, o extremo da feminilidade é muito comumente diagnosticado como histriônico, embora uma caricatura da masculinidade (um homem “machão”, dramático, que busca sensações, superficial, vaidoso e egocêntrico) raramente seja diagnosticada como TPH (...) e um homem assim, provavelmente, não buscaria por tratamento e, portanto, não receberia diagnóstico. (Beck, Freeman, Davis *et al.* 2005, p.175-176).

Diagnóstico Diferencial

Outros transtornos da personalidade podem se confundir com o transtorno da personalidade histriônica por apresentarem aspectos em comum. Sendo assim, é importante diferenciar esses transtornos com base em seus aspectos característicos. Primeiramente, salientamos que o indivíduo que apresenta transtorno da personalidade borderline também tende a buscar atenção, manifestar comportamento manipulativo e mudanças rápidas de emoções, entretanto, ele é distinguido pela autodestrutividade,

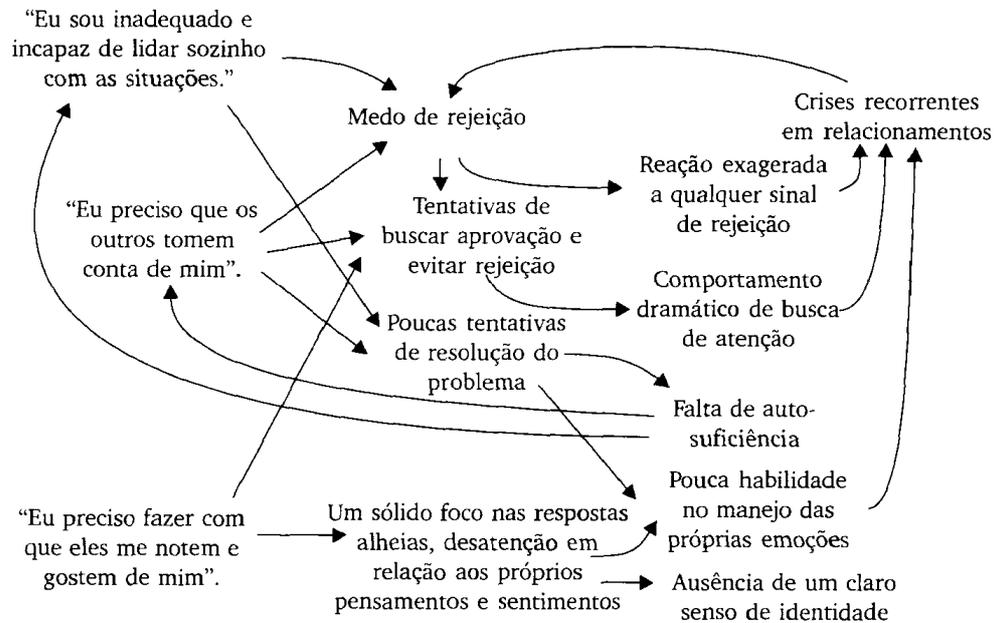
pelos rompantes de raiva nos relacionamentos íntimos e pelos sentimentos crônicos de vazio profundo e perturbação da identidade.

Indivíduos com o transtorno da personalidade antissocial e histriônica compartilham uma tendência à impulsividade, à superficialidade, à busca de excitação, ao descuido, à sedução e à manipulação, porém pessoas com o transtorno da personalidade histriônica tendem a exagerar mais nas suas emoções e não apresentam, em geral, comportamento antissocial. Esses indivíduos manipulam os outros para obter cuidados, já no transtorno da personalidade antissocial, os indivíduos apresentam-se manipuladores com o intuito de obter lucro, poder ou alguma gratificação material. Embora os indivíduos com o transtorno da personalidade narcisista também busquem obstinadamente a atenção dos outros, geralmente querem elogios por sua “superioridade”, ao passo que pessoas com o transtorno da personalidade histriônica desejam ser vistas como frágeis ou dependentes, caso isso sirva para a obtenção de atenção. Pessoas com o transtorno da personalidade narcisista podem exagerar a intimidade dos seus relacionamentos com outras pessoas, pois estão mais aptos a reforçar a condição “VIP” ou a riqueza dos amigos. No transtorno da personalidade dependente, o indivíduo é excessivamente dependente dos outros em relação aos elogios, porém não apresenta as características exibicionistas, exageradas e emocionais como os indivíduos com o transtorno da personalidade histriônica. Muitos indivíduos podem apresentar traços da personalidade histriônica. No entanto esses traços constituem transtorno quando são inflexíveis, mal adaptativos e persistentes e causam prejuízo funcional ou sofrimento subjetivo significativo.

Conceitualização

Segundo Beck, Freeman, Davis *et al.* (2005), uma das suposições subjacentes dos indivíduos com o TPH é: “Eu sou incapaz de lidar com a vida sozinho”, embora indivíduos com outros transtornos possam apresentar suposição similar, a maneira com que a pessoa lida com tal suposição é o que diferencia cada transtorno. Por exemplo, os depressivos com essa crença limitam-se aos aspectos negativos de si mesmos, sentindo-se incapazes e sem esperanças. Já indivíduos com transtorno da personalidade dependente, podem dar ênfase a seu desamparo e aguardar de forma passiva por ajuda dos outros. Por sua vez, os histriônicos, têm a tendência de adotar uma abordagem mais literal, não deixando nada ao acaso. Concluem que, se não podem cuidar de si mesmos, terão de encontrar alguém que faça isso. Assim buscarão obstinadamente obter atenção

e aprovação que assegurem que suas necessidades sejam atendidas. Os histriônicos costumam acreditar que é necessário ser amados por todos e por tudo o que fazem o que os levam a um medo extremo de serem rejeitados. A figura abaixo apresenta graficamente uma conceitualização cognitivo-comportamental do TPH, combinando a teoria de Beck com as ideias de outros teóricos.



Modelo cognitivo do transtorno da personalidade histriônica

Mudança de personalidade devido à outra condição médica

O transtorno da personalidade histriônica deve ser distinguido da mudança de personalidade devido à outra condição médica, na qual os traços que emergem são atribuíveis aos efeitos de outra condição médica no sistema nervoso central.

Transtorno por uso de substância

O transtorno deve também ser diferenciado de sintomas que podem se desenvolver em associação com o uso persistente de substância

A Superexposição nas Redes Sociais

Rede Social

Segundo Sato (2013), com a popularização da internet a partir dos anos 2000, as redes sociais ganham força como uma nova forma de comunicação e entretenimento, interligando pessoas de todos os continentes, de acordo com seus interesses em comum e grupos de convivência. As redes sociais têm como característica fundamental a abertura e a porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais entre seus usuários. Para ter acesso às redes sociais, o usuário cria um perfil pessoal que lhe permite, não só trocar mensagens instantâneas *on-line*, como também compartilhar fotos, vídeos, notícias, além de qualquer conteúdo que esteja disponível na *Web*. Esse meio permite divulgação instantânea e de proporções planetárias, onde, através de um simples clique, com o mínimo de esforço, alcança-se mais de um bilhão de pessoas, sem passar por qualquer critério de avaliação.

Real versus Virtual

Na época em que a internet era discada (em que o indivíduo discava o telefone para acessar a internet), era clara a ideia de separação entre o que era mundo virtual e o que era mundo real, pois o indivíduo entrava na internet, navegava, interagia, postava... Então, saía da internet e voltava para o mundo real. Hoje, com a evolução da internet, como também dos dispositivos móveis e dos aplicativos, a internet tornou-se onipresente, de forma que já não existe uma separação entre o mundo virtual e o mundo real, ou seja, esses mundos fundiram-se e formaram um novo ambiente com o qual estamos aprendendo ainda a lidar. Por não existir mais uma distinção clara entre o que é real e o que é virtual, esses mundos se afetam o que acontece na internet pode ter consequências no mundo real e vice-versa. Segundo Sibilia (2008), atualmente estamos inseridos num ambiente de hiperconexão e hiperexposição da intimidade. Não se trata apenas de um modismo efêmero, a espetacularização do eu tornou-se um fenômeno que joga luz numa nova maneira de ser e viver. Aquele obsoleto modelo da identidade baseado na vida interior individual foi substituído por outro, onde os indivíduos têm a percepção de existência se são vistos e notados pelo outro, agora o que realmente importa são as aparências.

Hoje não temos mais tempo para ler aquelas longas ficções oitocentistas - sacudidos como estamos na vertiginosa aceleração contemporânea - mas parecemos dispor de muito tempo e disposição para dedicar a esse tipo de história, as peripécias banais das supostas vidas privadas das celebridades ou os acontecimentos dramáticos da

intimidade desses seres outrora anônimos – que, de repente, chamam a atenção do público porque “parecem uma novela”. Mas eles são reais, e é justamente por isso que interessam. Sibilia (2008)

A Superexposição

A busca frenética pela notoriedade pode ser notada através da superexposição nas redes sociais, e é alimentada pela ambição de fazer do próprio eu o centro das atenções: talvez isso constitua um grito de desespero para fugir de um fantasma que nos assombra desde sempre: a solidão. Dessa forma, a internet, e, mais especificamente, as redes sociais, possibilitam-nos a fama e o reconhecimento, sem o ônus das relações reais, que, se desagradam, são bloqueadas. Todavia, por não suportarmos nossa solidão, nós nos distraímos de nós mesmos através dessas interações virtuais. Uma frase dita em 1960 por Andy Warhol se immortalizou, sendo bastante pertinente ao contexto deste artigo. Na ocasião, o então cineasta e pintor, afirmou: “todos teriam seus quinze minutos de fama no futuro”, então: o futuro chegou! E atualmente ficar famoso ou famosa, tem se tornado a meta de uma parcela significativa da população, que faz praticamente qualquer coisa – especialmente no mundo virtual, onde “tudo é permitido” - para atingir a fama. Conforme Octaviano (2010), com a chegada da internet, com a popularização e a facilidade de acesso às redes sociais, surgiu um ambiente que patrocina o aparecimento de novos famosos ou pseudo-famosos. No ciberespaço, a fantasia costuma tomar as rédeas e assumir o controle. De acordo com Sibilia (2010), a internet é como uma grande vitrine popular, onde qualquer um pode ser visto como quiser. Podemos facilmente ver, por exemplo, donas de casa recatadas no mundo real, que, ao se conectarem, mostram-se sedutoras e poderosas; ou ainda, empresários sisudos assumirem uma postura descontraída em suas páginas.

Ainda de acordo com Sibilia (2010), os meios que facilitam essa superexposição se multiplicaram: *Facebook*; *Whatsapp*; *Messenger*; *Youtube*; *Instagram*; *Twitter*; *Snapchat*; *Skype* entre outros. E graças à rede mundial de computadores, a fama está democratizada. Não só as plataformas digitais, onde a superexposição final acontece, multiplicaram-se, como também a vulgarização dos dispositivos móveis como celulares, *Smartphones* ou mesmo câmeras digitais, fez-nos de meras testemunhas oculares dos mais variados eventos a paparazzi domésticos da vida alheia. Em alguns momentos conseguimos registrar e immortalizar imagens que fazem surgir uma celebridade instantânea: uma pessoa anônima que ganha certa notoriedade de maneira repentina, por

vezes envolvida em algum escândalo, ou através da superexposição nas redes sociais de forma voluntária ou não.

Outro fenômeno muito comum e atrelado à superexposição nas redes sociais consiste no *selfie*, termo em inglês usado para descrever fotos de si mesmo, que os brasileiros também adotaram. Também através dos “*selfies*” as pessoas se expõem nas redes, obtendo a ilusão de serem importantes e essa supervalorização do “eu” faz com que comemorações particulares ganhem ares de grandes acontecimentos públicos, o que descreve com exatidão a mencionada sociedade do espetáculo, de Guy Debord em 1968. Nessa alienação em busca da fama pela fama, as pessoas constroem uma personalidade de forma a terem mais visibilidade, publicando postagens com frequência o que as torna uma espécie de “microcelebridades”, aguardando ansiosamente por mais e mais “likes” o que, de certa forma, legitima essa pseudo fama. Quando alguém se expõe nas redes sociais, o que determina se esse comportamento é aprovado ou não; se merece ganhar notoriedade ou cair no esquecimento, são os “*Likes*” ou comentários que o indivíduo irá receber ou não por seus amigos e conhecidos. Esse é um *feedback* público que serve como um reforço ou repúdio a esse comportamento. Basta abrir uma conta em uma plataforma digital que disponha dessas ferramentas (“*Likes*” e comentários), para que qualquer um se torne um jurista do comportamento humano.

Para compreender melhor esse processo e suas implicações, recorreremos à Teoria do Reforço, do cientista behaviorista Burrhus Skinner. De acordo com ela, os “*Likes*” funcionariam como um condicionamento operante, na medida em que eles servem como recompensa para aquela determinada postagem e sua repetição leva à compreensão de que repetir aquele tipo de postagem trará novas recompensas. (SKINNER *apud* MENEZES, 1974, p. 38).

Sendo assim, esses botões reforçam ou extinguem comportamentos: se uma postagem receber muitos “*Likes*”, ou comentários positivos, o indivíduo se vê motivado e encorajado a repetir postagens similares; no entanto se o efeito for inverso, ou seja, não receber a quantidade de “*Likes*” esperada, ou receber comentários negativos, esse tipo de postagem será evitado, fazendo com que o responsável pela postagem mude seu comportamento.

O que motiva esse comportamento?

Milhões de pessoas de todas as etnias e de todas as idades adotaram o hábito de se exporem nas redes sociais e cada vez mais pessoas abrem mão de sua privacidade e divulgam sua intimidade nas redes, numa exposição sem limites. A exposição nas redes sociais ocorre, provavelmente, em decorrência da necessidade que as pessoas têm de serem notadas: parece que quem não é visto não é lembrado, de forma que a “notoriedade” nas redes sociais confirma sua existência. Segundo Sibilía (2010), as redes sociais, democráticas e generosas que são com seus usuários, além de permitirem que algumas pessoas se mostrem como personagens, também saciam a voracidade e a curiosidade dos que consomem a vida alheia. Essa exposição voluntária ou não, visa a alcançar o status da fama para que, desta forma, o indivíduo tenha uma espécie de autorrealização pessoal. As redes sociais ainda abrem espaço à sublimação de condutas, o que dificilmente se concretizaria na vida off-line. De acordo com Medeiros (2015), quando o usuário se conecta à rede, ele se submete a um processo de imersão num ambiente que permite expressar desejos e manifestações, tais como criar uma vida perfeita que cause admiração que seria impossível fora do ambiente on-line. Conforme Karnal (2016), a superexposição é uma maneira que o indivíduo tem de expor toda sua vida privada num ambiente público em excesso, de tal modo que ninguém veja ou pergunte sobre o que realmente importa, ou seja, funciona como um cenário, falando da própria vida a todo instante, porque não tem nada a dizer sobre ela de modo geral, o indivíduo não quer que as pessoas vejam como a sua realmente é. Ainda conforme Karnal (2016), “a fala muito fluida e intensa é pra não dizer alguma coisa.” Essa é uma questão contemporânea, ser é publicar e existir é aparecer. Segundo Pondé (2016), o ser humano criou a necessidade de ser visto e notado. Pondé (2016) reforça a afirmação “eu existo na medida em que o outro me vê, se o outro não me vê eu sou invisível”, no mundo contemporâneo, nas megalópoles e nas cidades populosas, as pessoas são anônimas, existe uma sensação de invisibilidade imposta pela própria dinâmica dos grandes centros. As redes sociais dão visibilidade e potencializam a notoriedade de indivíduos que normalmente não chamariam a atenção para fora da sua vida cotidiana. Ainda de acordo com Pondé (2016), a superexposição é uma forma de prazer pessoal.

Falar de si próprio gera um prazer equivalente ao de se alimentar, ganhar dinheiro, dormir ou se relacionar sexualmente. “Em uma conversa formal, as pessoas falam de si cerca de 30% do tempo, em quanto nas redes sociais este índice sobe para 90%, com possibilidade de um *feedback* imediato. Isso gera inconscientemente uma sensação de prazer instantâneo, mas não sustentável. (MEDEIROS *apud* GUEDES, 2015)

O TPH e sua possível manifestação nas Redes Sociais

Como vimos o TPH é caracterizado, basicamente, por sintomas/ comportamentos como: sensação de desconforto em situações em que o indivíduo não é o centro das atenções; interação social frequentemente caracterizada por comportamento sexualmente sedutor, inadequado ou provocativo; o indivíduo exibe mudanças rápidas e expressão superficial das emoções; o indivíduo faz uso reiterado da aparência física para atrair a atenção para si; adota estilo de discurso excessivamente impressionista e carente de detalhe, além de tender à autodramatização, à teatralidade e à expressão exagerada das emoções. O indivíduo se caracteriza, ainda, pela sugestibilidade (i.e. facilmente influenciado pelos outros ou pelas circunstâncias), pela consideração das relações pessoais mais íntimas do que na realidade são, dentre outras manifestações. Se considerarmos que as pessoas inclinadas a se superexpor nas redes sociais cometem a superexposição por precisarem exibir-se, por apresentarem desconforto em situações em que não são o centro das atenções, por apresentarem interação social frequentemente caracterizada por comportamento sexualmente sedutor, inadequado ou provocativo, por se valerem, de forma reiterada, da aparência física para atrair a atenção para si, pela tendência à autodramatização, à teatralidade e à expressão exagerada das emoções, e até mesmo pela consideração das relações pessoais como mais íntimas do que na realidade são, podemos pensar na possibilidade de possíveis manifestações do TDH nas redes sociais, por meio da superexposição.

4 Considerações Finais

Como frisamos ao longo deste trabalho, o grandioso alcance da internet/ das redes sociais favorece a exibição das pessoas, de forma que pessoas com o Transtorno de Personalidade Histriônica teriam, neste campo, um grande palco para suas necessidades de angariar atenção. Ressaltamos que a superexposição nas redes sociais não está sendo aqui considerada como um comportamento exclusivo de pessoas que apresentam o

TPH. No entanto, observou-se que as principais características relacionadas ao Transtorno da Personalidade Histriônica aparecem em diversas plataformas digitais por alguns indivíduos como forma de se destacarem ou chamarem a atenção. Porém mesmo que o indivíduo apresente cinco ou mais das características que compõem o transtorno, para ser diagnosticado com o TPH é necessário que os padrões dos aspectos apresentados sejam inflexíveis e causem sofrimentos clinicamente significativos. O fato de não haver material que indique as consequências e/ou sofrimento de quem se expõe muito nas redes sociais, nos impede de tecer uma conclusão plausível.

5 Referências

BECK, A.T; FREEMAN, A; DAVIS, D.D; COLS. **Terapia Cognitiva dos Transtornos da Personalidade**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. Cap 10, p.173-190.

BRIENT, J.F, A servidão moderna. Cap 14, p.15-16, 2009. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B6qnU2VxQ9_xWGNXZ29TV3RMQWM/view
Acesso em: 22/03/17

DALGALARRONDO, P. Transtornos da Personalidade. In: **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap 22, p 268-269.

DEBORD, G.E, A Sociedade do Espetáculo, 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0AJ66Rb-1o> Acesso em:18/09/17

DSM-5, **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, seção II, p.667-669

Karnal, L, Pondé, L.F, Roda Viva Especial - Leandro Karnal e Luis Felipe Pondé, 31 de out de 2016 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rivj8gpeAFU> Acesso em 24 de nov de 2017

MEDEIROS, J. Quando a exposição na internet passa do limite 2015. Disponível em <https://www.universal.org/blogs> Acesso em 24 de nov. de 2017

MENEZES, R.L.M.S. **A ERA DOS LIKES**: uma análise sobre a fotografia pessoal em tempos de Facebook. 2014. 53p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social). Centro de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas

OCTAVIANO, C. Os quinze minutos de fama e a espetacularização do cotidiano, **ComCiência**, n.121. Campinas, setembro. 2010. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 de mar. de 2017

SATO, R.M. **O Dano Moral nas Redes Sociais e Sua Responsabilização**. 2013. 30p. Trabalho de conclusão de curso (Pós graduação). Lato Sensu da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro

SIBILIA, P. A vida como um espetáculo sem fim 2008. Disponível em:
<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/11/18/a-vida-como-um-espetaculo-sem-fim/> Acesso em 24 de nov. de 2017

SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? **Ciência e Cultura**, v.62, n.2. São Paulo 2010. Disponível em:
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200022. Acesso em: 19 de mar. de 2017